

PASTORALIA

1

Tenho de admitir que não me sinto em grande forma. Não que as coisas estejam assim tão mal. Não que tenha realmente razões de queixa. Não que me queixasse verbalmente se de facto tivesse razões de queixa. Não. Porque eu Penso Positivo/Falo Positivo. Estou de cócoras, à espera que apareçam pessoas a espreitar. Embora ninguém apareça a espreitar há treze dias e a Janet ande novamente a falar inglês, o que é um dos motivos que me levam a sentir-me assim tão em baixo.

– Chiça – diz ela logo de manhã. – Estou tão farta de cabrito assado que me apetece gritar.

O que é que se responde a isto? Põe-me logo numa posição desconfortável. Ela acha que eu sou um copinho de leite e que o facto de ela falar inglês me deixa desconfortável. E tem razão. Pois deixa. Porque a nossa situação não é nada má. Todos os dias encontramos um cabrito acabado de matar no nosso Tabuleiro Grande. No Tabuleiro Pequeno, uma caixa de fósforos. É mais

do que muitos têm. Alguns são obrigados a caçar lebres com armadilhas. Alguns são obrigados a usar roupa de pioneiros enquanto cortam a cabeça a galinhas. Mas nós não. Só tenho de trazer o cabrito morto do Tabuleiro Grande e esfolá-lo com um sílex. A Janet só tem de acender a fogueira. Pelo que a situação é bastante boa. Não tão boa como nos velhos tempos, mas por outro lado não é nada má.

Nos velhos tempos, quando havia sempre pessoas a espreitar, tínhamos brio no nosso trabalho. Fazíamos grandes teatros. Encenávamos lutas cheias de grunhidos. Sempre que eu estava prestes a atirar-lhe à cara uma mão-cheia de terra, começava por bater duas rochas uma na outra, cheio de fúria. Assim ela sabia quando fechar os olhos. Por vezes a Janet fazia assim uma espécie de tecelagem. Era tipo: As Origens da Tecelagem. Por vezes íamos comer um churrasco à Herdade dos Camponeses Russos, lembro-me de que havia o Murray e o Leon, o Leon namorava com a Eileen, a Eileen era aquela que tinha muitos gatos, mas hoje em dia, com a grande diminuição de pessoas a espreitar, os Campone-ses Russos foram todos para outras partes, alguns para a Secção Administrativa, mas a maioria não, os gatos da Eileen tornaram-se selvagens, e, juro por Deus, há dias em que receio chegar ao Tabuleiro Grande e descobrir que não há cabrito.

2

Esta manhã vou até ao Tabuleiro Grande e não há cabrito. Em vez de um cabrito há uma mensagem:

Tenham paciência, tenham paciência, diz a mensagem. O cabrito vem a caminho, rais parta. Não façam birra.

O problema agora é: o que é que é suposto eu fazer no período em que era suposto estar a esfolar o cabrito com um sílex? Decido fingir que estou gravemente doente. Vou sentar-me a um canto e fico a baloiçar para trás e para a frente e a gemer. Não vai resultar por muito tempo. Esfolar o cabrito com o sílex ocupa-me quase uma hora inteira. Nem pensem que vou ficar a baloiçar-me para trás e para a frente durante uma hora.

A Janet chega da sua Área Autónoma e ergue as sobranceiras.

– E a porra do cabrito? – pergunta.

Respondo com alguns sons guturais e gestos que significam: Grande chuva caiu, e catrapum, fazer os cabritos fugir, cabritos agora longe, nas altas colinas, e como meu medo ser grande, eu não ir atrás.

A Janet coça uma axila e faz um som de macaco, depois acende um cigarro.

– Que monte de tretas – diz. – Porque é que insistes, nunca hei-de perceber. Está aqui alguém? Vês mais alguém além de nós?

Faço um gesto para ela apagar o cigarro e acender a fogueira. Ela faz um gesto para eu ir bugiar.

– Vou acender a fogueira para quê? – pergunta ela.
– Uma fogueira antes de termos cabrito. É tipo uma fogueira da sorte? Uma fogueira da esperança? Não, desculpa, estou farta. O que é que eu faria na vida real se houvesse trovoada e os cabritos fugissem de verdade? Talvez ficasse de rastros, tipo a cortar os pulsos com aquele sílex, ou talvez te enchesse de porrada por seres

estúpido ao ponto de deixares os cabritos à chuva. Quê! Não o deixaram no Tabuleiro Grande?

Faço má cara e abano a cabeça.

– Bem, espreitaste ao menos o Tabuleiro Pequeno?
– diz ela. – Se calhar o cabrito era muito pequeno e conseguiram enfiá-lo lá dentro. Se calhar desta vez deixaram-nos uma codorniz ou assim.

Olho para ela de esguelha, depois afasto-me e caminho de forma primitiva na direcção do Tabuleiro Pequeno.

Nada.

– Então, porra para isto – diz ela. – Vou sair daqui para fora e vou perceber o que raio se passa.

Mas não vai. Ela sabe-o e eu também. Fica sentada no seu tronco a fumar e esperamos os dois pelo som metálico do Tabuleiro Grande.

Por volta da hora de almoço atiramo-nos às Bolachas de Reserva. Por volta da hora de jantar atiramo-nos novamente às Bolachas de Reserva.

Não aparecem pessoas a espreitar e não ouvimos o Tabuleiro Grande nem o Pequeno.

Depois a luminosidade diminui e a Janet vai pôr-se à porta da sua Área Autónoma.

– Se não houver cabrito amanhã, piro-me daqui e desço colina abaixo – diz. – Juro por Deus. Vais ver.

Vou para a minha Área Autónoma e calço as meias grossas. Bebo um chocolate quente e pego num Formulário de Avaliação Diária do Desempenho do Parceiro.

Noto algumas dificuldades de atitude? Não, não noto. Como é que avalio o meu Parceiro no geral? Muito bom. Ocorreram Situações que necessitem de Mediação?

Não ocorreram.

Envio o fax.

3

Na manhã seguinte, não há cabrito. Nem mensagem. A Janet fica sentada no seu tronco a fumar e juntos esperamos pelo som metálico do Tabuleiro Grande.

Ninguém vem espreitar e não há som metálico no Tabuleiro Grande nem no Pequeno.

Por volta da hora de almoço atiramo-nos às Bolachas de Reserva. Por volta da hora de jantar atiramo-nos novamente às Bolachas de Reserva.

Depois a luminosidade diminui e a Janet vai pôr-se à porta da sua Área Autónoma.

– Bolachas, bolachas, bolachas! – lamenta-se ela.
– Credo, importas-te de falar comigo? Não percebo porque não falas. Estou quase a dar em doida. Podíamos ao menos divertir-nos. Talvez jogar Scrabble.

Scrabble.

Faço um gesto de boa noite e emito um grunhido.

– Sacana – diz ela, e acerta-me com o sílex. A Janet tem boa pontaria e eu quase dou um ai. Em vez disso, emito um relinchar de fúria e ponho a hipótese de esperar com ela no chão, num esforço para a submeter ao meu poder superior, etc., etc. Depois vou para a minha Área Autónoma. Calço as meias grossas e arrumo coisas. Bebo um chocolate quente. Pego num Formulário de Avaliação Diária do Desempenho do Parceiro.

Noto algumas dificuldades de atitude? Não, não noto. Como é que avalio o meu Parceiro no geral?

Muito bom. Ocorreram Situações que necessitem de Mediação?

Não ocorreram.

Envio o fax.

4

Na manhã seguinte há um belo e gordo cabrito no Tabuleiro Grande. Também há uma mensagem:

Ah ah!, diz a mensagem. Desculpem lá o não haver cabrito e assim. Um pequeno contratempo. De futuro, sempre que aqui vierem à procura de um cabrito, o que vão encontrar em todas as ocasiões é um cabrito, e não uma mensagem. Ou talvez as duas coisas. Ah ah! Feliz repasto! Está tudo bem!

Efolo o cabrito rapidamente com o sílex. A Janet aparece, sorri ao reparar no cabrito, e acende, muito depressa, uma bela fogueirinha, e não diz uma única palavra em inglês a manhã inteira e até passa os dedos humedecidos por alguns dos nossos petróglifos, como se encantada com a sua esplêndida beleza e por aí fora.

Por volta do meio-dia vem ter comigo e aponta para o corte no meu braço, no sítio onde o sílex acertou.

– Vais sobreviver? – diz-me. – Desculpa, meu, a sério. Tipo, perdi a cabeça.

Olho para ela de esguelha. Ela deixa de falar inglês e começa a uivar de mágoa e agacha-se mais ou menos a pedir perdão.

O cabrito sabe espectacularmente depois de dois dias de bolachas.